



GÊNERO, QUESTÃO SOCIAL E TRABALHO: UM OLHAR A PARTIR DO COTIDIANO

Léa Gomes da Cruz Soares¹

RESUMO

O Objetivo desse artigo é trazer uma reflexão sobre o mundo do trabalho, suas transformações e as questões sociais, dentre essas destacamos a questão de gênero que perpassa as relações sociais e de classe. Por meio da reflexão advinda dos estudos feministas e de teóricos do serviço social e das ciências sociais, vamos construir esse caminho da questão social, trabalho e gênero, enquanto categorias da questão social, que envolvem essa temática dentro das relações sociais. As transformações postas pelo mundo contemporâneo e neoliberal, na escassez de campo de trabalho, nas modificações e transformação no mundo do trabalho, nas terceirizações, enfim, em vários setores e segmentos nos levam a pensar na atual conjuntura de forma crítica com intuito de buscarmos alternativas.

Palavras-Chave: Trabalho. Gênero. Questão social.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo nasceu de algumas reflexões ocorridas durante o processo de formação e o exercício profissional, pois é aqui o espaço privilegiado para registrarmos nossas inquietações e a partir desse contexto dizer da importância do gênero nas relações sociais e a sua manifestação da questão social no mundo do trabalho, o qual se faz presente na cotidianidade, que vem ao encontro com o pensamento de alguns teóricos que ao fazerem uma análise crítica da realidade nos fazem pensar e debruçar sobre a temática do qual vai nos conduzindo com uma linha mestra no caminho da reflexão sobre a questão social, gênero e trabalho que age como fio condutor diante a prática profissional e as demandas sociais encontradas no dia a dia do trabalho profissional.

Nas últimas décadas o cenário neoliberal deixou sérias marcas em nossa sociedade, enquanto que as grandes transformações tem afetado vários setores principalmente no que se refere ao mundo do trabalho.

Com os avanços das políticas neoliberais na década de 1990, observamos que houve mudanças no cenário nacional e internacional. A flexibilização no mundo do trabalho, a precarização da mão de obra e dos serviços e o fortalecimento do terceiro setor são fatores preponderantes nessa lógica do capital.

A questão social é marcada pelas desigualdades sociais e eclode no sistema de proteção social a partir das relações sociais marcadas pela exclusão e desigualdades sociais. Com objetivo de trazer a luz essas questões de gênero, questão social e trabalho é que vamos discorrer algumas linhas de nossa reflexão.

A questão social hoje como é colocada, embora não seja nova têm-se novas conotações e construções, do qual se apresenta sob várias formas da questão social. Podemos destacar como exemplo o resultado da assistencialização das políticas sociais.

As relações sociais aparecem como uma grande tese, ou seja, um exercício concreto da profissão e acaba obedecendo a uma direção social nas políticas sociais. As tensões existentes acabam se confrontando entre o que se coloca e o tempo do serviço. Por outro lado podemos observar que a ação profissional é composta por metodologias de ação para

¹ leagsoares@yahoo.com.br – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) – Mestranda; Prefeitura de Santo André - SP - Assistente Social.



operacionalidade, sendo que os aspectos do cotidiano da prática é quem vai ser matéria de intervenção.

2 GÊNERO E A MANIFESTAÇÃO DA QUESTÃO SOCIAL

Esse artigo inicia-se com a fala de uma grande pensadora e defensora das questões de gênero Heleieth Saffioti (1992.p.210); A construção dos gêneros se dá através da dinâmica das relações sociais. Os seres humanos só se constroem como tal em relação com os outros. Podemos dizer que cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça e etnia.

Por meio da reflexão advinda dos estudos feministas e de teóricos do serviço social e das ciências sociais, vamos construir esse caminho da questão social, trabalho e gênero, enquanto categorias da questão social, que envolvem essa temática dentro das relações sociais.

Nos anos de 1980, os intelectuais das ciências sociais, buscando compreender o processo histórico sobre o papel da mulher e sua relação com a vida social, trazendo alguns aspectos históricos, críticos e de transformação, inicia os primeiros estudos sobre gênero.

Neste período, surgiram algumas autoras que se debruçaram sobre o tema gênero, dentre elas podemos citar, Joan Scott² que teve uma preocupação fundamental em explorar essa questão, realizando um trabalho de pesquisa acadêmica em *Gender: a useful category of historical analysis*, em que traz uma visão pós-moderna da categoria gênero, era membro integrante do feminismo na França.

Heleieth Saffioti, foi uma outra intelectual que debruçou sobre a temática de gênero e teceu um retrato desta realidade foi dentro de um contexto conturbado de uma ditadura militar, em que a opressão naquele momento falava mais alto, aqui no Brasil e em alguns países do mundo.

Este período foi marcado com o desenvolvimento do capitalismo num contexto de dominação total, a qual fazia outras vítimas do seu domínio. Assim, Garcia Castro, relata que em linhas gerais, o gênero possuiu uma construção sociológica, político-cultural do termo sexo, destacando os seguintes aspectos: Sexo não é uma variável demográfica, biológica ou natural, mas traz toda uma carga cultural e ideológica. Como declara Beauvoir, 'ninguém nasce mulher, torna-se mulher'. Nesta acepção está a indicação implícita para a necessidade de referências concretas sobre a identidade masculina e feminina; É o conjunto de características sociais, culturais, políticas, psicológicas, jurídicas e econômicas atribuídas às pessoas de forma diferenciada de acordo com o sexo. Desse modo, as características de gênero são construções socioculturais que variam através da história e se referem aos papéis psicológicos e culturais que a sociedade atribui a cada um do que considera "masculino" ou "feminino". Nesse contexto, é importante compreender que a divisão sexual do trabalho entrelaça-se a divisão social do trabalho e que mulheres e homens irão participar de modo desigual da produção e da reprodução.

Assim, o entendimento de que a opressão de classes interliga-se com a opressão de sexo, coincidindo historicamente e se desenvolvendo no decorrer da história.

Nesta perspectiva, pode-se compreender que, a questão de gênero está ligada com a opressão de classes, este sistema irá impregnar os espaços sociais, as instâncias políticas, as formas culturais, entendendo, assim, que as relações desiguais de gênero se dão em todas as esferas da sociedade fundada nas relações desiguais de classe.

² Joan W. Scott, historiadora norte-americana, é professora da Escola de Ciências Sociais do Instituto de Altos Estudos de Princeton, Nova Jersey.



Vale destacar, que ao estabelecer que a opressão de gênero tem bases estruturais, mas se constrói, adquirindo, portanto, relativa independência, passando a interagir, de maneira própria, com a opressão de classes e as demais formas de opressão da sociedade, como a de raça, por exemplo. Na compreensão da necessidade de que a luta contra a opressão de gênero se insere na luta contra todos os elos de opressão e pela conquista de uma sociedade radicalmente nova, sem discriminação de sexo, gênero, raça e classe.

3 A QUESTÃO SOCIAL E O COTIDIANO

De acordo com Pastorini (2010, p. 25), no processo inacabado de busca da novidade, entram em cena os “novos sujeitos”, “novos usuários” que teriam “novas necessidades”, sendo assim, a autora afirma que as novidades são resultados das transformações da sociedade capitalista. Seguindo essa reflexão podemos ver que há necessidade de resignificar o que está posto, a redefinição dos modos de regulação econômicos e sociais.

Prefaciando o livro de Pastorini, José Paulo Neto vai dizer que existem diferentes versões da “questão social” nos diferentes estágios capitalistas, e, portanto, diferentes respostas dadas a ela por parte da sociedade no decorrer da história. Em contra partida, Neto (2010), afirma que “há manutenção dos elementos e da busca da estabilidade e manutenção da ordem estabelecida, das contradições capitalistas, e da legitimação social, como denominador comum entre essas diferentes versões”.

A partir desse pensamento de Neto, podemos ver com clareza que a “questão social” é experienciada nas várias fases do capitalismo e com um elemento primordial que é a busca pela manutenção da ordem.

Castel (1998), entende que:

A crise que se manifesta pelo agravamento do problema do emprego (aumento do desemprego e da precariedade, processo regido pelas novas exigências tecnológico-econômicas da evolução do capitalismo moderno), afirma que esse processo tem-se tornado irreversível e acelerado.

Para o autor há um risco de precarização na contemporaneidade, faz discussão sobre a coesão social, quando se rompe a coesão social nasce a questão social.

Segundo Rosanvallon (1995):

o crescimento do desemprego e o aparecimento de novas formas de pobreza (nova pobreza, exclusão etc.) estariam indicando o surgimento da “nova questão social” e o esgotamento do modelo de proteção social baseado no risco coletivo devido à não adaptação dos velhos métodos de gestão social à nova realidade.

Nesse sentido vemos que a globalização aponta diretamente para esse sentido, sinalizando que as marcas deixadas pelo neoliberalismo é anomia – ausência de valores, a sociedade está em crise.

A reflexão trazida por Iamamoto (2010) sobre a questão social no capitalismo, afirma que os caminhos que constroem estratégias de enfrentamento a questão social, na defesa dos direitos humanos e sociais e que a análise dos direitos da questão social é indissociável das configurações assumidas pelo trabalho e encontra-se necessariamente situada em uma arena de disputas entre projetos societários. Continua dizendo que a questão social produzida e reproduzida ampliadamente tem sido vista, na perspectiva sociológica, enquanto disfunção “ou ameaça” à ordem e à coesão social e que a questão social é apresentada como “uma *nova questão social*” resultante da “inadaptação dos antigos métodos de gestão do social, produto da crise do Estado Providência”.



Uma questão não pode deixar de mencionar é que a autora vai afirmar que a questão social enquanto parte constitutiva das relações sociais capitalistas, é apreendida como expressão ampliada das desigualdades sociais. Quando Yamamoto (2010) faz essa reflexão nos leva para ver essa realidade com a prevalência das necessidades da coletividade dos trabalhadores, o chamamento à responsabilidade do Estado e a afirmação de políticas sociais de caráter Universal. Vai tratar as relações entre questão social e serviço social no embate por direitos de cidadania, identificando alguns desafios que se apresentam à formação profissional e ao trabalho do assistente social. Nesse contexto vai dialogar com Marx quando fala da produção e reprodução do capital e a lógica da acumulação. Traz a lógica contábil em que a resultante é um amplo processo de privatização da coisa pública.

Segundo Yazbek, a questão social assume novas configurações e expressões entre as quais: as transformações das relações de trabalho; a perda dos padrões de proteção social dos trabalhadores e dos setores mais vulneráveis que veem suas conquistas e direitos ameaçados. A autora menciona que a gênese da questão social na sociedade burguesa deriva do caráter coletivo da produção contraposto à apropriação privada da própria atividade humana.

Por sua vez, Castel vai dizer que há as armadilhas da exclusão e assim impondo pouco a pouco para definir todas as modalidades da miséria do mundo: o desempregado de longa duração, o jovem da periferia, o sem domicílio fixo, dentre outros.

Portanto ao falarmos de exclusão logo nos remetemos à questão do trabalho e conseqüentemente as questões de gênero, pois estão intimamente ligados por suas aproximações em busca da liberdade.

Segundo Yazbek, a questão social assume novas configurações e expressões entre as quais: as transformações das relações de trabalho; a perda dos padrões de proteção social dos trabalhadores e dos setores mais vulneráveis que veem suas conquistas e direitos ameaçados.

Dessa forma vemos as transformações na sociedade, desenhadas de várias formas e jeitos, desde a revolução tecnológica à biológica, assim temos a oportunidade de vislumbrar uma sociedade mais inclusiva e justa mesmo com as contradições impostas pelo capital.

Nessa linha de pensamento podemos dizer que o grande capital ainda é o maior vilão da exclusão social e das desigualdades sociais. Portanto temos o contributo das ciências sociais que nos faz refletir sob vários ângulos dessa realidade e entender esse processo tão contraditório, que de um lado prega a importância de pertencer por meio do consumo exacerbado e de outro tira as condições de sobrevivência desse mesmo trabalhador. De acordo com o pensamento de Faleiros (2013, p. 220) “o silêncio e a resistência dos oprimidos se manifestam de formas distintas em processos e estratégias de ruptura emancipatória frente a ordem dominante e de articulação instituinte /instituído”.

Castel (1995, p. 18) vai dizer que a “questão social” é uma aporia fundamental sobre a qual uma sociedade experimenta o enigma de sua coesão e tenta conjurar o risco de fratura.

4 O MUNDO DO TRABALHO E SUAS TRANSFORMAÇÕES

“Liberdade – essa palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda”
Cecília Meireles



De acordo com Heller (2008, p. 37), o indivíduo é um ser singular que se encontra em relação com sua própria individualidade particular e com sua própria genericidade humana, e nele, tornam-se conscientes ambos os elementos, pois a vida cotidiana está carregada de alternativas e de escolhas.

Portanto no mundo do trabalho o cotidiano é que está presente carregado de histórias, valores, crenças, determinações, escolhas e o livre arbítrio, que são elementos primordiais na vida dos indivíduos, principalmente nas relações sociais e de produção.

Na relação capital/trabalho vamos ver em lamamoto (1993, p. 98), que a sobrevivência e a reprodução da classe trabalhadora na sociedade capitalista dependem fundamentalmente do salário que o trabalhador recebe em troca da venda de sua força de trabalho no mercado.

Nessa conjuntura, podemos dizer que para Marx, o trabalho humano é a expressão da atividade humana num contexto de alienação e a divisão do trabalho é a expressão econômica do caráter social do trabalho dentro da alienação.

No livro Capital Fetiche, lamamoto vai dizer que põe as bases sobre a discussão do trabalho, o que é trabalho do ponto de vista ontológico homem x natureza, o que é trabalho concreto e trabalho abstrato, sendo que, o trabalho modifica a natureza externa do homem e modifica o próprio homem e existe em qualquer sociedade desde as tribos indígenas ao meio urbano.

A autora continua dizendo que o trabalho concreto é o trabalho útil tem um valor de uso, para Marx o trabalho abstrato se transforma pelo salário e é apropriado pelo capital.

lamamoto, ressalta que o mercado exige apenas que o produto do trabalho concreto seja, simultaneamente, um produto universal, carente de individualidade, trocável por qualquer outro, ou seja, necessariamente tem que ter um valor.

Para Ricardo Antunes (2009), traz uma constatação em Os Sentidos do Trabalho, sendo que: por um lado, necessitamos do trabalho humano e de seu potencial emancipador, devemos também recusar o trabalho que explora, aliena e infelicitiza o ser social. O Sentido do Trabalho que estrutura o capital acaba sendo desestruturante para a humanidade : na contrapartida, o trabalho que tem sentido estruturante para a humanidade é potencialmente desestruturante para o capital.

Segundo Marx:

Todas as lutas históricas que se desenvolvem quer no domínio político, religioso, filosófico, quer em outro qualquer campo ideológico são, na realidade, apenas a expressão mais ou menos clara de lutas entre classes sociais, e que a existência e, portanto, também conflitos entre essas classes são, por sua vez, condicionados pelo grau de desenvolvimento de sua situação econômica, pelo seu modo de produção e de troca, que é determinado pelo precedente. (c.f Marx, 1987, p. 12).

Essas lutas marcaram todo processo de transformação societária dentro do contexto neoliberal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar trago as reflexões inerentes ao trabalho, nas transformações postas pelo mundo contemporâneo e neoliberal, na escassez de campo de trabalho, nas modificações e transformação no mundo do trabalho, nas terceirizações, enfim, em vários setores e segmentos, temos assistido as mudanças nos setores de serviços e a força total que vem aumentando esses segmentos e por outro lado as empresas, ou seja, as indústrias sofrendo severas mudanças no meio econômico, social e político. Enquanto que as



**SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015

desigualdades sociais maraca a questão social por outro lado a questão social condensa o conjunto de desigualdades sociais

Como o homem é fruto de suas relações, vimos que a cotidianidade propicia ao homem passar por todo processo de transformação, se adequando a cada momento passível de mudança. No campo ocupacional é o trabalho um enfoque crítico, precisamos conhecer o Estado da Arte, pois temos a Divisão Sexual do Trabalho, a representação social e a dimensão social. Portanto o homem é filho de sua práxis e nos dá a dimensão ao longo da construção da humanidade, é a construção do homem consigo mesmo e do homem com a natureza.

Podemos destacar as questões sociais dentro de uma análise do Uno e do múltiplo considerando as diversidades e as complexidades de cada realidade do qual temos a dinâmica da vida cotidiana, pois na necessidade imediata de fazer as coisas e atender as demandas com repetição e pragmatismo, sendo assim não é próprio da cotidianidade, nem a práxis e nem a teoria.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. O Sentido do Trabalho. Boitempo, São Paulo, 1999.

CASTEL, Robert. Desigualdade e a Questão Social, - Educ. SP, 2013.

HELLER, AGNES. o Cotidiano e a História. Paz e Terra. 2008.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. Capital Fetiche, Cortez Editora. 2008.

PASTORINI, Alejandra. A Categoria “Questão Social” em Debate. Cortez Editora. 3 edição.2010. São Paulo, 2010.

ROSAVALLON, Pierre. La nueva cuestión social – Repensando el Estado providência. Buenos Aires: Manantial, 1995.

SAFFIOTTI, Heleieth. A mulher na sociedade de classe. Mito e Realidade. Artes Editora, 1969.

YASBEK, Maria Carmelita. Classes Subalternas e assistência social. Cortez Editora, 2009.